

Análise do seriado *The L Word*. Um outro olhar sobre sexualidade e gênero em cena¹

Cristiane Pimentel NEDER

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

cristiane.neder@uemg.br

Teresa NORTON DIAS

Universidade da Madeira | CEMRI/Uab

teresa.dias@staff.uma.pt

Resumo: Neste artigo procuramos mostrar, como no seriado *The L Word*, uma importante produção audiovisual para a diversidade humana, não existe um padrão de lésbica, nem de gênero, em obras de ficção ou na realidade. Que a sexualidade é muito mais ampla do que apenas o enquadramento nos gêneros masculino e feminino. Que na escala entre ser homem e ser mulher há pessoas com características acentuadas de cada lado, com mais ou menos comportamentos acentuados de ambos os lados, sem um padrão definido, porque o ser humano consegue transitar em fronteiras com territórios próximos e distantes, entre o masculino e o feminino, sem uma dosagem estipulada de um e de outro, formando vários gêneros a partir destes dois.

Palavras-chave: *The L Word*, gênero, sexualidade, lesbianismo, comportamento social

Abstract: *In this article we seek to show, as in the series The L Word, an important milestone in audiovisual production for human diversity, there is no lesbian or gender standard, in works of fiction or reality. That sexuality is much broader than just fitting into the male and female genders. That in the scale between being a man and being a woman there are people with accentuated characteristics on each side, with more or less accentuated behaviours on both sides, without a defined pattern, because the human being is able to transit in frontiers with near and distant territories, between the masculine and the feminine, without a stipulated dosage of one or the other, forming various genders from these two.*

Keywords: *The L Word, gender, sexuality, lesbianism, social behaviour*

*Se quero definir-me, sou obrigada inicialmente a declarar:
« Sou uma mulher ». Essa verdade constitui o fundo
sobre o qual se erguerá qualquer outra afirmação.*

(De Beavoir, 2008a: 11)

No seriado *The L Word*...

No seriado *The L Word* percebemos em cada personagem um estilo, que mostra que, a identificação com o gênero masculino e feminino vai além do modo de se vestirem, de se pentearem, usarem ou não maquiagem. Mesmo uma lésbica feminina pode ter uma

¹ Este artigo encontra-se redigido em português do Brasil e português de Portugal conforme o acordo ortográfico em vigor.

personalidade masculina, ou seja, pode apresentar-se na sociedade como uma mulher sensual. No padrão feminino tradicional, aquela que, por exemplo, usa saia, brincos e batom, mas é masculina na personalidade, é dominadora nas situações e mais ativa nas relações; assim como uma lésbica pode ser mais masculina no modo de se apresentar à sociedade, mas ser mais feminina na personalidade, sendo mais passiva nas relações e mais recatada na tomada de decisões. Também pode, o padrão de se apresentar na sociedade, corresponder à personalidade, sendo que o modo de ser e o modo de se apresentar ao mundo sejam ou não equiparados. Afinal, a “fauna” humana é muito diversificada em tudo e não poderíamos imaginar que homossexuais de nenhum gênero pudessem ser iguais.

The L Word veio para desmistificar os termos pejorativos que são usados popularmente contra as mulheres que se sentem atraídas por outras mulheres. No Brasil, chamadas “mulheres macho” ou “sapatão” que, em ambos os casos, são termos ofensivos, querendo falar que toda a mulher que tem intimidade com outra mulher tem o corpo grande (um pé grande) como o do homem ou se comportam de forma masculinizada, querendo, desta forma, marginalizar mais ainda as mulheres que se declaram lésbicas ou bissexuais, mas que não assumiram o seu lesbianismo ou bissexualidade por medo, sendo assim julgadas ao se perceber o desejo delas por outras mulheres.

Como mostra o seriado em estudo, há uma diversidade enorme de estilos e modos de ser lésbica, inclusive mulheres casadas podem envolver-se num relacionamento homoafetivo por curiosidade, prazer ou aventura, mas não deixam de perder a sua feminilidade ou tão pouco de ter desejo por homens, enquadrando-se na bissexualidade. Nem toda a mulher que gosta de outra mulher é masculina. O seriado mostra que as mulheres podem ser “bem femininas” e serem lésbicas: que o gênero nem sempre reflete a sua identidade sexual; e nem sempre a identidade sexual se reflete no gênero biológico.

Judith Butler (2013) não faz uma construção teórica da categoria de mulher conforme as teorias feministas, indo contra a ideia de mulher como essência, defendendo, antes porém, uma pluralidade de indivíduos que se enquadram no « *ser mulher* ». Butler (idem) não descreve a mulher como um ser único, mas plural, diverso e multifacetado. Se olharmos para as mulheres sobre o mesmo prisma, ou exclusivo conceito identitário, vamos declinar todas as outras construções do sujeito que no seriado *The L Word* são mostradas. Butler (2017), defende que: « [...] *independentemente da intratabilidade biológica que o sexo pareça ter, o gênero constrói-se culturalmente: por essa razão, o gênero não é nem resultado causal do sexo nem tão aparentemente fixo como o sexo.* » (Butler, 2017: 62). Para Butler (2017) podemos perfomar diferentes gêneros em diferentes situações. Uma única mulher pode ter comportamentos diferentes em ambientes diferentes: na casa, no trabalho, no lazer, na religião, no esporte, sem mudar de corpo. Adotar modos, personalidades e figuras diferentes sendo, ou não sendo, lésbica. O gênero pode sofrer alterações devido à construção cultural do sujeito, das transformações e metamorfoses do seu corpo e do ambiente social em que vive. Por isto, olhar o gênero como algo estático pode ser um erro. Levada ao seu limite « [...] *a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos.* » (ibidem).

Na obra citada de Butler, podemos perceber como as normas sociais atuam e regulamentam a construção do gênero, formando aqueles que são aceites e outros que são considerados clandestinos, que não têm apoio e reconhecimento da sociedade. Partindo deste ponto, podemos avaliar que, do ponto de vista social, uma mulher lésbica feminina é muito mais aceite pela sociedade do que uma mulher lésbica masculinizada.

Segundo dados da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (SBRASH), ter relações sexuais com duas mulheres ao mesmo tempo ainda é a principal

fantasia da ala masculina - dados coletados por meio de entrevistas a pessoas de diferentes faixas etárias. Seja colocado em prática ou não, o desejo aguça a imaginação e pode servir de gatilho para o prazer na hora da masturbação (Noronha, 2019). Segundo Heloísa Noronha (2019):

Observar duas mulheres transando também atira o desejo de muitos homens. Uma das razões é que o voyeurismo é mais incentivado nos homens - tanto na educação recebida quanto pelos meios de comunicação -, do que nas mulheres, em geral reprimidas desde muito cedo em relação a observar com naturalidade imagens sexuais. (Noronha, 2019: para. 7)

Ou seja, ver duas mulheres fazendo sexo atrai a maioria dos homens, é um fetiche. Mas que tipo de mulher os atrai? Geralmente aquele padrão da mulher que se depila, que usa maquiagem, que tem delicadeza - um padrão feminino socialmente imposto. No seriado *The L Word* encontramos mulheres atravessando todas estas barreiras, não são só mulheres femininas ou masculinizadas, de corpo ou de personalidade. O gênero é uma construção nebulosa, não exata, não estática. Não segue nenhum paradigma, apenas acontece e se desenvolve, dependendo das diversas circunstâncias culturais, sociais, biológicas, que vão, ou não, ao encontro do que está escrito na certidão de nascimento ou que acolhe mais o feminino ou mais o masculino, que existe em cada um de nós.

Simone de Beauvoir, no seu livro *O Segundo Sexo*, defende que há duas formas de feminino: o feminino como essência e o feminino como código de regras comportamentais. No seriado *The L Word* as personagens estão dentro das suas essências e não dentro dos códigos de regras comportamentais - apenas querem saciar o seu desejo e serem felizes, não seguindo modelos pré-estabelecidos. Beauvoir também escreveu que: « *não se nasce mulher, torna-se mulher* » (De Beauvoir, 2008b: 13). Esta teoria de que não se nasce mulher, mas que se torna mulher é baseada no existencialismo de Jean Paul Sartre, que defende que a existência vem primeiro que a essência, que nós não temos uma essência ou identidade definida ao nascer, que só com o passar dos anos nos transformamos no que somos, devido a todas as influências do meio social em que vivemos, afirmando que: « *Não existe um caminho traçado que leve o homem à sua salvação; ele precisa inventar incessantemente seu próprio caminho. Mas, para inventá-lo, ele é livre, responsável, autêntico, e todas as esperanças residem dentro de si.* » (Sartre, 1945 apud RádioCom, sd: para.2).

Uma das maiores redes sociais do mundo, o *Facebook*, oferece aos seus membros nos EUA diversas opções de gênero, que cada um pode marcar no perfil. Segundo Emerson Alecrim (2020) o *Facebook*, tem mais de 3 bilhões de membros ativos. Desde a viragem do século, até aos nossos dias, nós tínhamos duas opções para identificar o nosso sexo: homem ou mulher, apenas. Nem se discutia com tanta profundidade a questão de gênero, porque ainda havia muitos tabus. Hoje, o *Facebook* dá-nos aproximadamente 56 opções de gênero relativamente à identidade, ampliando cada vez mais este leque de diversidade.

No que se refere à biologia de cada pessoa, só há dois sexos. As mulheres nascem com uma conjuntura física formada por ovários, seios e vagina e, os homens, com testículos, pênis e espermas, tendo geralmente os homens mais pelos do que as mulheres. No sexo classificamos as pessoas e os animais geralmente em duas categorias: macho e fêmea, agora os gêneros têm raízes mais profundas que vão além do “*Yin e do Yang*”, ou seja, de um equilíbrio energético, se quisermos transitar de uma explicação mais física para uma explicação mais sensitiva, podemos pensar neste conceito do *Yin e Yang*, energia dual da nossa existência como é explicado no *I Ching* (livro chinês designado por *Livro das Mutações* - obra da Dinastia Zhou Ocidental (1000–750 AEC) que possui dois polos: o *Yin* que representa a escuridão, o princípio passivo, feminino, frio e noturno e o *Yang* que representa a luz, o princípio ativo, masculino, quente e claro. Segundo esta obra, quanto

mais *Yin* você possuir, menos *Yang* terá e, quanto mais *Yang* possuir menos *Yin* você terá. Esta filosofia diz que para termos corpo e mente saudáveis é preciso haver um equilíbrio entre o *Yin* e o *Yang* (Percília, sd): tudo tem polaridades que podem oscilar de um extremo ao outro conforme os níveis de *Yin* ou *Yang*, mas não será nem uma explicação suficiente, nem uma circunstância única. O gênero de uma pessoa é um mergulho mais profundo, pois tem a ver com aquilo que a pessoa se identifica, ou seja, a sua essência. Essência que cada um de nós procura, desenvolve ou descobre. Na certidão de nascimento consta a informação se se nasceu homem ou mulher. Além dos documentos identitários há uma pessoa que se pode sentir dentro de várias naturezas sexuais, diferentes e plurais. A opção binária do preenchimento da certidão de nascimento em classificar-nos apenas como homens e mulheres não alcança e não abraça os vários homens e mulheres que há dentro de cada um(a) de nós, nem as diversas variações entre o feminino e o masculino que, no espaço da nossa corporalidade e personalidade, podem ocupar e desenvolver. Ainda para Butler (2017):

Quando o estatuto construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero torna-se um artifício oscilante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem significar um corpo feminino com a mesma facilidade que podem significar um corpo masculino, e *mulher* e *feminino* um corpo masculino com a mesma facilidade que um corpo feminino. (Butler, 2017: 62)

Como se podem identificar ou afirmar? Como mencionado por Alecrim (2020) no exemplo, dos EUA, o *Facebook*, rede social com bastante impacto lançou vários gêneros com que as pessoas se podem classificar, não tendo um limite para estas classificações, podendo no futuro ampliar-se ainda mais, ao que Butler (2017) nos ensina que afinal:

[...] o gênero não está para a cultura como o sexo está para a natureza; o gênero é também o meio discursivo/cultural pela qual a “natureza sexuada” ou “um sexo natural” se produzem e estabelecem como “pré-discursivos”, anteriores à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual actua a cultura. (Butler, 2017: 63)

De uma forma mais compactada comentaremos um pouco sobre cada uma das variações de gênero e depois faremos uma analogia com as personagens do seriado *The L Word*. Contudo, nem todos os gêneros apontados são correspondentes às opções das personagens do seriado: embora apresentemos quase todos no artigo, nem todos serviram para vestir os gêneros das personagens. Foi feita uma pesquisa no site *Ladobi - Cultura e Cidadania LGBT na Real e com Local* (Caparica, 2014). Iremos restringir a análise dos gêneros pesquisados apenas aqueles que podemos fazer corresponder às personagens do seriado *The L Word*. Neste artigo faremos esta restrição, pois o objetivo é analisar e focar no seriado e nas personagens do mesmo, não tendo o intuito de falar de todos os gêneros. Vamos conhecer alguns dos gêneros que podem ser aplicados às mulheres e aos homens e identificados nas descrições que se seguem. Assim temos:

Agênero: Se trata de alguém que não se identifica com qualquer tipo de gênero. Alguns usam o termo sem gênero ou gênero neutro. No seriado não há nenhuma personagem dentro desta categoria de gênero.

Não sabemos se isto é realmente possível: alguém, no seu cotidiano, ter esta ausência completa de gênero, mas existe esta opção. Podem ser pessoas que passam por tratamentos hormonais e ou cirurgias e o seu corpo não denota nenhuma identidade. Agora não acreditamos na completa ausência de gênero, pois nós construímos todos os

dias um pouco da nossa personalidade e temos preferências que não se estancam. Isto não significa ter vida sexual, mas o desejo, acreditamos, que nunca está ausente, nem a identidade de estar mais perto do lado masculino ou feminino.

Andrógeno: Refere-se a uma pessoa que não se identifica binariamente, nem como homem, nem como mulher. É uma espécie de terceiro gênero, de alguém que tem traços e comportamentos tanto femininos, quanto masculinos. Alguém que não se identifica, nem se apresenta, apenas como homem ou mulher. “Andrógeno” é utilizado por quem tem qualidades masculinas e femininas e se considera um gênero à parte. A palavra tem raízes no latim: “andro” quer dizer “homem” e “gino” quer dizer “mulher”. Alguns andrógenos podem identificar-se como *gender benders*, que são intencionalmente camaleões, transgredindo as regras sociais.

Bigênero: Uma pessoa que se identifica como homem e mulher ao mesmo tempo. Que se identifica, não quer dizer que seja. Aí é que reside a grande diferença entre sexo e gênero.

O gênero nós nos identificamos, ao contrário do sexo que é resultado da formação biológica com que nascemos. Pode o bigênero ter dias em que tenha uma tendência mais para um lado do que para o outro. Não significa que as porções de cada lado sejam proporcionalmente iguais.

Cisgênero: uma pessoa que tem a identidade de gênero comumente associada ao seu sexo biológico (por exemplo, alguém que é considerada mulher quando nasce e vive como uma mulher).

Duplo-espírito: Este termo tem, provavelmente, origem na tribo Zuni da América do Norte, apesar de *personas* de duplo-espírito já terem sido documentadas em inúmeras tribos. Os nativo-americanos que têm características e apresentações tanto masculinas como femininas têm papéis particulares dentro das suas tribos e, são vistos, como um terceiro gênero - recentemente a Alemanha e o Nepal adotaram uma terceira opção de gênero para seus cidadãos escolherem no documento de identificação.

Genderqueer: Alguém cuja identidade fica fora do sistema de dois gêneros (ou seja, homem/mulher) ou que deseja desafiá-lo; essa pessoa pode identificar-se com múltiplos gêneros, uma combinação de gêneros, ou “entre” gêneros.

As pessoas que utilizam este termo consideram que se estão reapropriando da palavra *queer* que, historicamente, tem sido usada em inglês como um termo prejurativo contra homens e mulheres. Este termo é mais frequentemente utilizado por gerações mais jovens, que tentam fazer essa reapropriação pelas gerações mais antigas, que pessoalmente sofreram pelo uso de *queer*.

Gênero em Dúvida: Alguém que pode estar colocando em dúvida seu gênero ou sua identidade de gênero, e/ou considera outras maneiras de experimentar ou expressar seu gênero ou apresentação de gênero.

Gênero Fluído: Alguém cuja identidade de gênero e apresentação não se limita a apenas uma categoria de gênero. Pessoas de gênero fluído podem ter entendimentos dinâmicos ou flutuantes do próprio gênero, mudando de um para outro de acordo com

o que sentem melhor no momento. Por exemplo, uma pessoa de gênero fluído pode sentir-se mais como um homem num dia e mais como uma mulher no dia seguinte, ou sentir que nenhum dos dois se lhe aplica.

Gênero Não-conformista: Alguém que tem a aparência e/ou cujo comportamento não segue o que a sociedade espera da aparência ou da maneira de uma pessoa daquele gênero agir. Transformistas, mulheres masculinizadas e pessoas transgênero são alguns exemplos de gêneros não-conformistas.

Gênero Variante: Um termo genérico para qualquer um que, por qualquer razão, não tem uma identidade cisgênero (isso inclui também outro termo genérico, trans-). Há quem reconheça problemas com este termo, já que ele implica que estes gêneros são “desvios” de um gênero padrão, e reforça como “natural” o sistema de dois gêneros. Alguns preferem os termos “gênero diverso” ou “gênero não-conformista”.

Homem para Mulher (Male to Female – MTF). Uma pessoa trans- que nasceu num corpo de homem, e que agora vive como uma mulher e que tem uma identidade de gênero feminino. Uma *MTF* está no meio do processo de transição que pode, ou não, completar-se. Essa pessoa pode ou não ter alterado o seu corpo físico com cirurgias, hormônas, ou outras modificações (por exemplo, treino vocal e eletrólise). Geralmente utiliza pronomes femininos (ou seja, “ela”, “dela”) ou termos de gênero neutro.

Mulher para homem (Female to Male – FTM). Uma pessoa trans- que nasceu num corpo de mulher, e que agora vive como um homem e tem uma identidade de gênero masculina. Um *FTM* está no meio do processo de transição que pode, ou não, completar-se. Essa pessoa pode não ter alterado o seu corpo físico com cirurgia, hormônas, ou outro tipo de modificação (por exemplo, treino vocal para desenvolver uma fala mais grossa). Costuma utilizar pronomes masculinos (“ele”, “dele”) ou palavras de gênero neutro.

Não-binário: Pessoas que se identificam como não-binárias desprezam a ideia de uma dicotomia entre macho e fêmea ou mesmo, de um contínuo entre macho e fêmea com a androgenia no centro. Para eles, o gênero é uma ideia tão complexa que se encaixaria melhor num gráfico tridimensional, ou numa rede multidimensional.

Nenhum: Alguém que prefere não aplicar rótulo algum ao seu gênero.

Neutrois: Um termo genérico dentro dos termos mais amplos de transgênero ou *genderqueer*. Inclui pessoas que não se identificam com o sistema binário de gênero (ou seja, homem/mulher). De acordo com o site *Neutrois.com*, algumas identidades *neutrois* comuns incluem “agênero”, “nenhum-gênero” e “sem-gênero”.

Outro: Uma escolha por não oferecer um dos rótulos comumente reconhecidos para o gênero de uma pessoa. Quando utilizado por alguém para se descrever a si mesmo, essa pode ser uma maneira de se dar a liberdade de descrever (ou deixar de descrever) o próprio gênero. O termo “outro” não deve ser utilizado para descrever pessoas cujo gênero você não entende por completo ou não consegue definir.

Pangênero: O pangênero é similar ao andrógeno, no sentido de que a pessoa se identifica como um terceiro gênero, com algum tipo de combinação dos aspectos tanto

masculinos como femininos, mas um pouco mais fluídos. Também pode ser utilizado como um termo inclusivo para designar “todos os gêneros”.

Trans-: É um prefixo, mas também um termo inclusivo, que se refere às muitas maneiras a que uma pessoa pode transcender ou até mesmo transgredir, o gênero ou as normas de gênero (por exemplo, inclui indivíduos que se identificam como transgênero, transexuais, gênero diverso, entre outros). Na maior parte das vezes, quando se coloca um asterisco (*), este não é seguido da identificação de sexo ou termo de gênero – escreve-se simplesmente *Trans-** – para indicar que nem todas as pessoas se identificam com um rótulo de sexo ou gênero já estabelecido.

Trans- homem: Mulher para Homem, apesar de algumas pessoas utilizarem a grafia “transhomem” (sem espaço entre *trans-* e *homem*), há quem argumente que é melhor utilizar o espaço entre “*trans-*” e “*homem*” para indicar que a pessoa é uma mulher e que a parte “*trans-*” não é a coisa mais importante ou central da sua identidade.

Trans- mulher: Homem para Mulher, apesar de algumas pessoas utilizarem a grafia “transmulher” (sem espaço entre *trans-* e *mulher*), há quem argumente que é melhor utilizar o espaço entre “*trans-*” e “*mulher*” para indicar que a pessoa é um homem e que a parte “*trans-*” não é a coisa mais importante ou central da sua identidade.

Transgênero: Um termo genérico que inclui todas as pessoas que têm um gênero que tradicionalmente não é associado ao seu sexo. Pessoas que se identificam como transgênero podem ou não ter alterado os seus corpos com cirurgias e/ou hormônas. Alguns exemplos:

Transsexual: Para muitos, este termo indica alguém que fez alterações permanentes ao seu corpo físico, especificamente a sua anatomia sexual (ou seja, genitais e/ou seios) por meio de cirurgias. Há quem considere o termo “transsexual” problemático por causa da sua história patológica ou associação a desordens psíquicas. A fim de conseguirem fazer as operações necessárias para a mudança de sexo, muitas vezes precisam de um diagnóstico psiquiátrico (historicamente, este diagnóstico era dado como “transsexualismo”) e de recomendações de profissionais da saúde. O termo “transsexual” costuma ser utilizado menos frequentemente pelas gerações mais jovens de pessoas *trans-*.

Mulher Transsexual: alguém que nasceu num corpo masculino e realizou a transição (por meio de cirurgia e/ou hormonas) para viver como uma mulher.

Homem Transsexual: alguém que nasceu num corpo feminino e realizou a transição (por meio de cirurgia e/ou hormonas) para viver como um homem.

Transmasculino: Alguém que nasceu num corpo do sexo feminino e se identifica como alguém masculino, mas não se identifica completamente como homem. Muitas vezes pode-se encontrar a expressão “centro-masculino” para indicar em que ponto as pessoas transmasculinas se identificam na relação com outros gêneros.

Transfeminino: Alguém que nasceu num corpo do sexo masculino e se identifica como alguém feminino, mas não se identifica completamente como mulher. Muitas vezes

pode-se encontrar a expressão “centro-feminino” para indicar em que ponto as pessoas transmasculinas se identificam na relação com outros gêneros.

Exceptuando estes gêneros, podemos categorizar a maioria das personagens do seriado *The L Word* como *gays* ou lésbicas, simplesmente. Homens que nasceram homens e gostam de homens e mulheres que nasceram mulheres e gostam de mulheres.

Não vamos fazer uma classificação de personagem uma por uma, mas de um modo generalizado. A maioria delas transita entre *gay*, lésbica, gênero não conformista, gênero fluído, gênero em dúvida, mulher cis, homem cis, gênero variante e, ainda o trans- mulher e o trans- homem. Os outros gêneros oferecidos como opções no registo do *Facebook* não correspondem a nenhuma personagem do seriado, sendo a maioria das personagens *gays* e lésbicas, com variações de mais à direita ou mais à esquerda da centralidade, mais ou menos masculina e mais e menos feminina, tendo personalidades e modos de ser que se aproximam e se afastam dos pólos femininos e masculinos com diferentes graduações.

Há, entre ambos, *gays* e lésbicas, pessoas que são mais ativas ou mais passivas na atividade sexual, denotando assim os papéis que a sociedade determina geralmente aos homens e às mulheres: do homem como tomador de decisão, o “caçador” – no sentido de sustentar a família e no sentido pejorativo de tratar a mulher como um objeto seu que ele domesticou, fixando-a às tarefas de casa. Neste sentido, o papel passivo ficaria associado às mulheres que esperam receber do homem tudo, deixando-se conduzir por eles. Agora, nos relacionamentos sexuais, estes papéis podem fazer um “troca-troca”: cada um(a) podendo ser ativo(a) e passivo(a) em todas as relações, procurando o prazer e não apenas aproximar-se mais ou menos do centro masculino ou feminino.

A premissa da trama

O seriado centra-se nas vidas e relacionamentos de um grupo de mulheres lésbicas e bissexuais que vivem no bairro de West Hollywood, em Los Angeles. No início do seriado, Bette Porter, diretora artística de uma galeria de arte e, Tina Kennard, um casal há sete anos, tentam conceber um bebé por inseminação artificial. Dana Fairbanks, uma tenista em ascensão, lida com assumir-se; Jenny Shecter, uma aspirante a escritora que acaba de se licenciar e que, com o seu namorado Tim Haspel, se tornaram vizinhos de Bette e Tina, lida com a sua crescente atração por Marina Ferrer; e, Alice Pieszecki, uma jornalista bissexual, debate-se com a sua relação pouco saudável com a namorada intermitente. O ponto de encontro das amigas é o bar e café *The Planet*, onde frequentemente se encontram durante os episódios. A dona deste é Marina Ferrer, que assim conhece o grupo a que, mais tarde, se junta Kit Porter, irmã de Bette, uma antiga cantora com um problema alcoólico.

Título

O título (que, numa tradução livre, seria “A Palavra L”), refere-se tanto ao “amor” (*love*) quanto ao mundo “lésbico” (*lesbian*), segundo a própria criadora do seriado, Ilene Chaiken, como a uma série de outros mundos que, em inglês, se relacionam com a letra do seriado. Algumas são visíveis na sequência de abertura regular da primeira série, sendo as mais claras: *longing* (desejo), *lies* (mentiras), *laughter* (riso), *lesbian* (lésbica), *lust* (luxúria), *life* (vida) e Los Angeles (cidade onde a série decorre).

Quando questionada quanto à razão do título, numa entrevista para o canal de televisão americano MSNBC, a atriz e protagonista Jennifer Beals respondeu: « [...] Bem, penso

que a questão do título é que fala pela invisibilidade da comunidade, de que se sabe ser um grupo de pessoas, que têm sido em grande parte invisíveis na cultura e quando têm sido visíveis é muitas vezes como o vampiro deles ou um assassino em série [...]»² (Beals, 2006). Para além disso, sublinha ainda duas palavras, *love* (amor) e *loneliness* (solidão), palavras também usadas pela personagem Alice, cujo papel desempenha, no início do segundo episódio da primeira série.

Sexualidade das personagens

Embora o programa seja frequentemente referido como um programa sobre lésbicas, parte das personagens principais têm experiências bissexuais e a certa altura identificam-se como tal. Por exemplo, Jenny Schecter, após o seu envolvimento com Marina Ferrer, vem a assumir-se como bissexual mas, eventualmente, o seu envolvimento sucessivo e exclusivo com mulheres, além das suas próprias palavras explicitam, que se identifica como lésbica.

Alice, à partida assumidamente bissexual, envolve-se com Lisa, um homem que se identifica como lésbica, mas vem mais tarde a tornar claro que não se sente bissexual. Tina Kennard, originalmente lésbica, vem, no seu envolvimento com um homem na terceira série aparentar um comportamento bissexual, mas torna claro, no quarto episódio da quarta série, que continua a identificar-se como lésbica, sentindo que é uma identidade política.

Fora estas personagens, todas as outras (com exceção de Kit Porter, que é seguramente heterossexual) aparentam identificar-se como lésbicas e envolvem-se exclusivamente em relacionamentos com o mesmo sexo.

Vejamos, a seguir, como se desenvolve o seriado e como se envolvem as personagens entre si.

A história do seriado contada a partir das primeiras quatro temporadas³

Primeira temporada

No início as personagens centrais são dois casais: Bette Porter e Tina Kennard, que planeiam um filho e Jenny Schecter e Tim Haspel, que recentemente se tornaram seus vizinhos. Em cena entra Kit Porter, a irmã alcoólatra de Bette e, Marina Ferrer, dona do bar *The Planet*, com quem Jenny se envolve amorosamente, levando-a a questionar a sua sexualidade e a sua relação com Tim que, descobre este relacionamento e leva ao desmoronamento da sua relação. Embora se cheguem a, num impulso, casar, tal não salva a situação. Jenny é também confrontada por Francesca Wolff, namorada de longa-data de Marina Ferrer, com a qual tem uma relação aberta que desconhecia. Recusada por Tim e incapaz de se relacionar com Marina, Jenny começa a sair com Gene, um biólogo marinho e, Robin, uma trapezista circense.

Bette e Tina, por sua vez, passam por tempos atribulados. Bette tenta desenvolver um projeto atrevido e de conteúdo quase pornográfico para a sua galeria de arte intitulado *Provocações*, sendo violentamente criticada por grupos religiosos e levando a que a sua relação com Tina se torne tensa. Esta, que engravidara, acaba por ter um aborto

² Tradução das autoras: « [...] *Well I think the point of the title is that it speaks the invisibility of the community, you know, this is a group of people that have been largely invisible in the culture and when they have been visible it's oftentimes as their vampire or the serial killer [...]* » (Beals, 2006)

³ Informação recolhida junto de sítios na internet que se debruçam sobre esta temática.

espontâneo. Mais tarde, aceita um emprego num centro de assistência aos sem-abrigo, enquanto o estado emocional de Bette se deteriora com a pressão sob a qual está levando-a a envolver-se sexualmente com a carpinteira, Candace, que a assiste na preparação da exposição.

Shane McCutcheon, sedutora constante, continua o seu comportamento promíscuo, ao mesmo tempo que, vai tentando melhorar a sua carreira como cabeleireira. Envolve-se com Cherie Jaffe, cujo marido pretende investir num salão para Shane, enquanto a filha de ambos, Clea, por ela se interessa romanticamente. Quando Clea descobre o envolvimento da sua mãe com Shane, Cherie vê-se forçada a findar a relação e o seu marido, ao descobrir, anula os seus planos de negócio com Shane.

Dana Fairbaks, tenista em ascensão, lida gradualmente com o facto de ser lésbica. Desenvolve uma relação com Lara Perkins, uma cozinheira no clube onde treina, mas acaba-a devido à pressão que sente para evoluir na carreira, sabendo as dificuldades que podem surgir por ser lésbica. Porém, vem a descobrir que não tinha motivos de preocupação pois os seus patrocinadores já sabiam que o era e não tinham com isso problemas. Isto impulsiona-a para assumir-se perante a sua família. Mais tarde, numa viagem a Palm Springs, conhece Tonya, uma gerente, com a qual cria uma relação. As duas acabam por casar-se.

Alice, por sua vez, lida com a sua mãe, uma atriz falhada, irresponsável e egoísta, que lhe causa problemas, ao mesmo tempo que finda a sua relação intermitente com a sua namorada, Gabby Deveaux, caracterizada pela sua incapacidade de se comprometer, e preparar-se para uma vida amorosa instável. Ao mesmo tempo, desenvolve continuamente um projeto pessoal, *O Quadro*, uma espécie de *mind map*, em que representa todas as relações entre mulheres de que tem conhecimento, criando assim uma rede de ligações sexuais e amorosas.

No episódio final, assiste-se ao estrear da exposição de Bette. Jenny tenta decidir-se entre Gene e Robin sem chegar a qualquer conclusão, passando a noite convivendo com ambos. Tina vê Bette e Candace a falar no museu e, compreendendo o que se passa, e confronta-a em casa, onde discutem, mas fazem sexo. Alice vai à casa de Dana e, beijando-a, revela o seu interesse por ela.

Finalmente, Tina aparece em casa de Alice, pedindo para lá ficar por pouco tempo e, quando Alice lhe pede para se explicar, desenha uma linha a partir do nome de Bette e começa a escrever o nome Candace, indo-se abaixo em lágrimas.

Segunda temporada

Com o seriado já consolidado e os conflitos de cada personagem conhecidos, a segunda temporada começa com Tina secretamente grávida. Apesar de ter feito uma nova inseminação e conseguido engravidar enquanto ainda estava com Bette, acreditava que a sua parceira não conseguiria lidar com um novo aborto e, portanto, resolveu manter segredo até chegar a um estado em que os riscos seriam menores. Porém, houve a separação por conta do envolvimento de Bette com Candace e Tina decide ter o bebé sozinha sem que ninguém soubesse.

Bette, por sua vez e como sempre, encontra-se concentrada no trabalho. A sua nova missão é conseguir que a nova dona da Fundação Peabody, Helena, filha de Peggy, mantenha a doação para o Centro de Artes da Califórnia. Focando-se em novos objetivos, Helena resolve cortar a doação de capital e deixa Bette numa situação desagradável com os seus chefes. Enquanto isso, arrependida, Bette tenta reconquistar Tina, que está

decidida a levar o divórcio em frente. Com a vida completamente bagunçada, Bette ainda tem que lidar com a morte do pai, Melvin e com a sua demissão no episódio final.

Shane, tendo superado o caso com Cherrie, volta à sua vida namorada sem envolvimento amoroso. Trabalhando como cabeleireira numa emissora de televisão conhece Carmen, uma funcionária do local que também trabalha como [DJ](#). As duas fazem sexo e Carmen logo começa a demonstrar um interesse maior por Shane que, seguindo a sua doutrina de não se envolver com pessoas, tenta manter distância, apesar da atração física que sente.

Jenny, agora morando com Shane na casa que era de Tim, é apresentada a Carmen e interessa-se por ela. Investindo na relação, consegue ficar com Carmen, embora esta, no fundo, ainda sinta algo por Shane, que dá força ao relacionamento entre as outras duas, afastando-se de qualquer possibilidade de envolvimento sério. Além do conturbado namoro, Jenny passa a frequentar um curso para escritores iniciantes e mostra que a sua cadeia de pensamentos e lembranças é muito mais complexa do que parecia.

Ao procurar mais uma pessoa para dividir o aluguer da nova casa, Jenny e Shane encontram Mark Wayland, um cineasta iniciante cuja imaginação é despertada ao se ver morando com duas lésbicas. Fechando acordo e tornando-se o terceiro inquilino do lugar onde outrora morara Tim e a sua noiva, Mark, incentivado pelo seu amigo, começa um projeto perigoso, o qual envolve esconder câmeras pelos móveis da casa, violando a privacidade das suas companheiras. Movido pela curiosidade, grava várias fitas, embora não chegue a divulgá-las devido ao estranho sentimento que desenvolve por Shane.

Dana, após perceber que era impossível ficar longe de Alice, finalmente desiste do casamento com Tonya para ficar com a amiga de longa data e as duas são protagonistas de hilariantes cenas de sexo com fantasias e fetiches. Alice estreia um programa de rádio, em que fica famosa pelo seu “Quadro Pieszecki”. Já Dana, agora assumida e celebridade no mundo lésbico, passa a ter vários compromissos aos quais frequentemente tem de ir sozinha, o que põe o amor, a compreensão e a paciência de Alice à prova por diversas vezes. Se já não bastasse, Lara reaparece e não perde tempo ao tentar reaproximar-se de Dana.

Com a saída de Marina, o *The Planet* passa a pertencer a Kit Porter. Visando o progresso de seu novo negócio, Kit inscreve-se numa palestra para empresários onde conhece Benjamin Bradshaw, um homem casado, com filhos e cuja residência fixa é em Ohio, o que não impede Kit de ter um relacionamento amoroso com ele.

Terceira temporada

Kit entra na menopausa e começa a envolver-se com Angus, o jovem “babá” de Angelica. Tenta resistir à tentação, mas Angus é persistente e Kit acaba cedendo, oficializando o namoro. Surpreendida pelo destino, engravida mesmo na menopausa e, junto com Angus decidem que o mais sensato é abortar.

Tina começa a interessar-se por homens e acaba por se envolver com um quando Bette parte para um retiro espiritual.

Dana não consegue mais suportar a pressão de Alice e resolve terminar o relacionamento. Alice, por sua vez, fica devastada e a sua obsessão aumenta. Enquanto isso, Dana volta aos poucos para Lara. As duas, parecem felizes e, dão continuidade à relação. Dana ganha uma importante competição e, no auge da sua carreira, descobre ter câncer da mama. De início, só Lara fica sabendo e as outras amigas são avisadas pela própria tenista que ela passará apenas por uma cirurgia rotineira. A recuperação pós-cirúrgica e, até mesmo o processo de aceitação da doença, são muito duros para Dana

que, num acesso de raiva e descontrole, manda Lara embora de casa sem maiores explicações. Alice fica arrasada com a morte de Dana e começa a envolver-se com Lara. Jenny começa a namorar Moira que, no decorrer da temporada, se irá transformar em Max, um transsexual. Shane pede Carmen em casamento e também reencontra o seu pai, um mau caráter que foge com outra mulher no dia do casamento dela com Carmen. Shane abandona Carmen no altar. Peggy Peabody deixa a filha sem dinheiro e Bette foge com Angelica.

Quarta temporada

Neste início de temporada, Bette decide fugir com a pequena Angélica temendo que o pior aconteça. As meninas planeiam realizar uma intervenção para evitar que Tina apresente queixas contra Bette. O problema é que ninguém tem a menor ideia de onde Bette está. Shane, por sua vez, decide passar por sua crise emocional com uma dose elevada de bebida, sexo, drogas e muitíssima velocidade, que termina por colocar em risco sua própria vida. Enquanto isso, a noite de autógrafos de Jenny é interrompida pela chegada de Marina.

Shane procura Max, pois precisa da sua sabedoria para encontrar os pais de Shay. Enquanto isso, Jenny baixa a guarda diante de Stacey, uma jornalista da revista *Curve* que publica uma crítica a respeito do livro da protagonista. Bette, por sua vez, parece estar maravilhada com seu novo trabalho e em especial com sua nova chefe, Phyllis Kroll. E como se isso não fosse o suficiente, esta mulher dominante agora tem um 'fã-clube', dentro da universidade, presidido por Nadia.

Bette tem cada vez mais problemas para evitar as investidas de Nadia. Dia após dia, torna-se cada vez mais difícil não cair na tentação, pois Nadia é uma exuberante assistente. Tina e Henry decidem oferecer uma festa em estilo "mixer". O problema é que algumas misturas não são muito boas, ao contrário de outras. Shane, por sua vez, tentará inscrever o pequeno Shay numa escola pública. Jenny pede ajuda de Max para rastrear Stacey, a jornalista que escreveu a crítica maliciosa sobre o seu livro.

Agora que se escutam boatos sobre um suposto romance de escritório entre a diretora do *campus* e uma preparadora, Bette decide terminar a sua aventura com Nadia, ainda que não pareça que a leve muito a sério. Alice, por sua vez, decide terminar com Phyllis, depois de conhecer o marido dela, Leonard Kroll. Finalmente Angus é surpreendido numa relação extra-conjugal e um dos artigos de Jenny tira Alice de seu juízo perfeito.

Enquanto Helena, Shane e Alice aprendem a jogar pôquer, Bette e Tina discutem sobre como deveria ser a educação mais apropriada para Angélica. Mais tarde, Bette embarca novamente no mundo dos encontros com Jodi. Phyllis não se conforma com a separação de Alice.

O romance floresce entre Bette e Jodi, assim como acontece com Alice e Tasha. Jenny, por sua vez, entretém-se com a ideia de que o seu livro será adaptado para o cinema. Paige e Shane oferecem-se para dar uma aula sobre tolerância na escola de Shay. Tina conhece Jodi e as dúvidas a respeito de deixar a sua vida de lésbica para trás começam a persegui-la. Enquanto discutiam sobre a Guerra do Iraque, Alice e Tasha, desencadeiam uma noite apaixonada. Finalmente, Shane e Shay receberão uma visita surpresa.

Tina e Jenny tentam conseguir o diretor perfeito para o filme baseado nas histórias de Jenny, mas no processo encontram-se com múltiplas diferenças criativas e também de caráter. Enquanto isso, o ex-esposo de Phyllis procura consolo em Alice. A relação entre Jodi e Bette parece tornar-se cada vez mais forte, apesar da personalidade, de Bette. Kit consegue derrubar o escudo protetor de Papi com consequências totalmente inesperadas.

Numa tentativa de se esquecer de Angus, que não se cansa de pedir-lhe perdão por lhe ter sido infiel, Kit refugia-se na bebida. Max regressa à sua cidade natal para comparecer ao funeral da sua mãe e é recebido de uma maneira estranha. Jenny e Tina encontram finalmente a diretora perfeita para o seu filme, Kate Arden, que parece querer mais que uma relação profissional com a loira. Bette organiza um jantar especial para que as amigas conheçam Jodi, mas a sua necessidade de controlar cada pequeno detalhe faz com que Jodi perca a calma.

Bette fica sabendo que Jodi recebeu uma oferta de trabalho num centro de artes da Costa Leste dos Estados Unidos. Tasha, por sua vez, continua sendo perseguida por suas visões da Guerra do Iraque, onde foi vítima da famosa política *Don't ask, don't tell* [Não pergunte, não responda] em que se prefere que se esconda a sua orientação sexual. Enquanto isso, Shane planeja uma surpresa para Paige. Max, por sua vez, toma uma importante decisão em relação ao seu trabalho.

Tina decide deixar Henry, enquanto Bette recorre a ela para ajudá-la com um conselho para recuperar Jodi, o que faz Tina rever os seus sentimentos por Bette, e admitir que ainda gosta dela. O relacionamento entre Shane e Paige parece estar a tornar-se sério. Tasha é chamada para cumprir serviço militar no Iraque. Por outro lado, Phyllis decide divorciar-se e Jenny corre o risco de ser despedida do seu próprio filme.

De forma complementar e analisando algumas das personagens do seriado *The L Word*, com recurso à lista disponível para consulta no site da *Wikipédia*, deixamos abaixo algumas descrições das personagens com o género identificado e suas preferências sexuais. Grande parte estas personagens não integraram a descrição das temporadas acima.

Coleman Alt: gay. Interpretado por Brendan Penny. Personagem secundária com aparição apenas durante a terceira temporada. Nasceu biologicamente homem, tem preferências sexuais por relações com homens e no seriado comporta-se como homem sensível. Relacionou-se sexualmente com Frank em 1984; relacionou-se sexualmente com Bette Porter, em 1984.

Marcus Allenwood: heterossexual. Interpretado por Marcus Gibson. Personagem secundária com aparição apenas durante a primeira temporada. Marcus foi o doador de esperma de Tina Kennard e era namorado de Lei Ling.

Andrew: heterossexual. Interpretado por Darrin Klimek. Personagem secundária com aparição apenas durante a primeira temporada. Foi num “encontro às cegas” com Dana Fairbanks, antes de descobrir que ela era lésbica. Teve uma pequena relação com Alice Pieszecki durante a primeira temporada.

April: ex-lésbica. Personagem apenas mencionada na terceira temporada. Relacionou-se como o primeiro namorado de Alice Pieszecki, mencionado durante o episódio 3.01: *Labia Majora*. Relacionou-se com Alice Pieszecki quando esta tentava recuperar-se de um relacionamento anterior.

Ivan Aycock: lésbica *crossdresser*. Interpretada por Kelly Lynch. Personagem coadjuvante durante o final da primeira primeira temporada e parte da segunda. Teve uma relação de cinco anos com Iris, uma exótica dançarina. Apaixonou-se por Kit Porter durante as primeira e segunda temporadas, mas não foi correspondida. Foi dona de 51% do *The Planet* da segunda até à quinta temporada.

Nick Barashov: heterossexual. Interpretado por Julian Sands. Personagem secundária com aparição durante o episódio 1.05:*Lies, lies, lies*. Professor que se relacionou com Jenny Schechter durante os anos de faculdade.

Allen Barnes: interpretada por Sara Botsford. Personagem secundária com aparição apenas durante a segunda temporada. Artista e amiga de Helena Peabody.

Billie Blaikie: gay. Interpretado por Alan Cumming. Personagem coadjuvante durante a terceira temporada relacionou-se sexualmente com Moira/Max Sweeney. Trabalhou como produtor de festas do *The Planet*.

Annette Bishop: heterossexual. Interpretada Sarah Strange. Personagem secundária com aparição apenas durante a primeira temporada. Melhor amiga de Jenny Schechter. Fingiu estar namorando Jenny Schechter no episódio 1.08:*Listen Up*.

Benjamin Bradshaw: heterossexual. Interpretado por Charles S. Dutton. Personagem secundária com aparição apenas durante a segunda temporada. Teve um caso com Kit Porter mesmo sendo casado.

Josh Brecker: heterossexual. Interpretado por Paul Popowich. Personagem secundária com aparição apenas durante a terceira temporada. Tentou começar a ter um relacionamento com Tina Kennard no episódio 3.07:*Lone Star*.

Brooke: heterossexual. Interpretada por Chelsea Hobbs. Personagem secundária mencionada durante o episódio piloto. Relacionou-se com Heather e com Nina. Aparece apenas durante a quarta temporada. Iniciou uma relação com Moira/Max Sweeney, sem saber que Moira/Max estava em transição de mulher para homem.

Melanie Caplan: lésbica. Personagem secundária mencionada na primeira temporada com aparição durante a segunda temporada. Relacionou-se com Dana Fairbanks. Mencionada durante o episódio piloto. Relacionou-se com Heather.

Jean-Paul Chamois: interpretado por Robert Gauvin. Personagem secundária com aparição apenas no episódio piloto. Foi indicado por Bette Porter e Tina Kennard como possível doador para a inseminação artificial de Tina.

Adele Channing: lésbica/bissexual. Interpretada por Malaya Rivera Drew. Personagem coadjuvante durante a quinta temporada. Assistente pessoal e falsa admiradora de Jenny Schechter. Conseguiu o cargo de diretora do filme *Lez Girls* através de uma chantagem. Relacionou-se com a atriz que interpretava Karina no filme *Lez Girls*.

Lover Cindy (*Cindi Tucker*): lésbica. Personagem secundária com aparições durante boa parte da quinta temporada. Mantinha um relacionamento aberto com Dawn Denbo. Fez sexo a três com Dawn e Shane McCutcheon durante o episódio 5.04:*Let's Get This Party Started*. Relacionou-se sexualmente com Shane sem a permissão ou o conhecimento de Dawn.

Claybourne: lésbica. Interpretada por Jill Christensen. Personagem secundária com aparição durante o episódio 2.02:*Lap Dance*. Casar-se-ia com Robin em 2002, mas

traiu-a durante a cerimónia de casamento. Durante o último episódio da terceira temporada é mostrada uma ligação entre Claybourne e Lara Perkins n' *O Quadro*.

Katherine Claymore: lésbica. Personagem secundária apenas mencionada durante a primeira temporada. Foi a primeira namorada de Alice Pieszecki depois da faculdade. Mencionada durante o episódio *1.03:Let's do it*.

Clive: gay. Interpretado por Matthew Currie Holmes. Personagem secundária com aparição durante a primeira temporada. Amigo de Shane McCutcheon. Relacionou-se com Harry Samchuk.

Roberta Collie: interpretada por Cynthia Stevenson. Personagem secundária com aparição durante a terceira temporada. Roberta foi a assistente social designada para avaliar o pedido de Bette Porter e Tina Kennard.

Slim Daddy: heterossexual. Interpretado por Snoop Dogg. Personagem secundário com aparições durante os episódios *1.10:Luck, Next Time* e *1.11:Liberally*. Gravou uma música com Kit Porter.

Dawn Denbo: lésbica. Interpretada por Elizabeth Keener. Personagem coadjuvante durante a quinta temporada. Promotora e dona do *SheBar*, natural de Miami, mantinha uma relação aberta com Cindy Tucker. Fez sexo a três com Shane McCutcheon e Cindy. Mantinha uma rivalidade com Kit Porter e o *The Planet*. Comprou os 51% do imóvel que pertencia a Ivan Aycock, tornando-se sócia maioritária. Jurou vingança a Shane - o que incluía todas as suas amigas - por ela ter “seduzido” Cindy e daí o verdadeiro motivo da rivalidade com Kit.

Gabby Deveaux (também conhecida como Lésbica X): lésbica. Interpretada por Guinevere Turner. Personagem secundária com aparições na primeira, segunda e sexta temporadas. Teve um caso com Alice Pieszecki durante parte da primeira temporada e antes da linha de história do seriado começar. Relacionou-se paralelamente com Nadia enquanto saía com Alice. Namorou Lara Perkins durante parte da segunda temporada. Relacionou-se com Eva “Papi” Torres durante a sexta temporada.

Eric: heterossexual. Interpretado por Kyle Cassie. Personagem secundária com uma aparição durante o episódio *1.12:Looking Back*. Era namorado de Tina Kennard em 1998, antes de ela começar a relacionar-se com Bette Porter.

Marina Ferrer: lésbica. Interpretada por Karina Lombard. Protagonista durante a primeira temporada, embora tenha aparecido em dois episódios da quarta temporada. Dona do café *The Planet* durante a primeira temporada. Casada com Manfredi Ferrer, escondendo sua orientação sexual. Mantinha uma relação aberta com Francesca Wolff há cinco anos. Envolvou-se amorosa e sexualmente com Jenny Shecter, enquanto esta namorava Tim Haspel. Relacionou-se com Robin Allenwood durante a primeira temporada. Relacionou-se com Claude Mondrian durante a quarta temporada.

Valerie Goins: lésbica. Interpretada por Camille Sullivan. Personagem secundária com aparição no episódio *2.07:Luminous*. Namorava Leigh Ostin.

Gregg: heterossexual. Interpretado por Robin Nielsen. Personagem secundária com aparição durante o episódio 1.12: *Looking Back*. Era namorado de Alice Pieszecki durante os tempos de faculdade.

Barbara Grisham: lésbica. Interpretada por Dana Delany. Personagem secundária com aparição no episódio 3.04: *Light my fire*. Senadora do estado de Massachusetts. Tentou seduzir Bette Porter, mas fracassou.

Iris: interpretada por Mikela J. Mikael. Personagem secundária com aparição durante o episódio 2.09: *Late, later, latent*. Mantinha uma relação aberta com Ivan Ayccock há cinco anos.

Winnie Mann: lésbica. Interpretada por Melissa Leo. Personagem secundária com aparição durante a segunda temporada. Foi casada com Helena Peabody. Mencionada no episódio 2.06: *Golden Tears*. Mãe biológica de Wilson Mann Peabody. Mãe adotiva de Jun Ying Mann Peabody.

Carla McCutcheon: heterossexual. Personagem secundária com aparição durante o episódio 3.12: *Left hand of the goddess*. Mãe de Shay McCutcheon. Foi casada com Gabriel McCutcheon.

Gabriel McCutcheon: heterossexual. Interpretado por Eric Roberts. Personagem secundária com aparição durante o episódio 3.12: *Left hand of the goddess*. Pai de Shane e Shay McCutcheon. Foi casado com Carla McCutcheon. Neste episódio, enquanto visitava o Canadá, envolveu-se com uma mulher chamada Patty e fugiu com ela, abandonando a mulher e o filho.

Shane McCutcheon: lésbica. Interpretada por Katherine Moennig. Protagonista. Filha de Gabriel McCutcheon. Irmã mais velha de Shay McCutcheon. Teve uma relação conturbada com Cherie Jaffe durante a primeira temporada e voltou a relacionar-se com ela em alguns episódios da terceira e quarta temporadas. Mora com Jenny Schecter desde a segunda temporada. Namorou Carmen de la Pica Morales até o episódio 3.12: *Left hand of the Goddess*, quando abandonou Carmen no altar. Dormiu com cerca de 950 a 1200 pessoas, a maioria em noites de sexo sem compromisso. A quantidade, porém, é dita como sendo de 963 pessoas de acordo com o site *OurChart.com* de Alice Pieszecki. Mencionada no episódio 4.01: *Legend in the Making*. Namorou com Paige Sobel durante a quarta temporada. Terminaram o namoro depois de Shane tê-la traído no episódio 5.01: *LGB Tease*. Relacionou-se com Molly Kroll durante a quarta temporada. Foi a primeira relação homossexual de Molly. Beijou Nikki Setevens durante a quinta temporada, o que deixou Jenny profundamente magoada.

Shay McCutcheon: interpretado por Aidan Jarrar. Personagem coadjuvante durante a terceira temporada. Filho de Gabriel e Carla McCutcheon. Ficou sob a responsabilidade de sua irmã mais velha, Shane McCutcheon, morando com ela, com Jennifer Schecter e com Moira/Max Sweeney durante a quarta temporada.

Begoña Morales: interpretada por Patricia Mayen-Salazar. Personagem secundária com aparição na terceira temporada. Irmã de Mercedes Morales. Tia de Carmen de la Pica Morales.

Mercedes Morales: heterossexual. Interpretada por Irene López. Personagem secundária com aparições em alguns episódios da terceira temporada. Mãe de Carmen de la Pica Morales.

Dylan Moreland: bissexual. Interpretada por Alexandra Hedison. Personagem coadjuvante do episódio 3.04:*Light my Fire* até o episódio 3.11:*Last Dance*. Tinha um namorado chamado Danny. Relacionou-se com Helena Peabody, mas traiu a sua confiança quando foi posta à prova.

Nadia: lésbica. Interpretada por Natascha Khadar. Personagem secundária com aparição apenas no episódio 1.04:*Longing*. Namorou Gabby Deveaux.

Nina: personagem apenas mencionada durante o episódio piloto. Está ligada a Alice Pieszcki n'O *Quadro*.

A maioria das personagens do seriado *The L Word (realce nosso)*, podem ser encontradas nos episódios (ficheiros de vídeo) na plataforma *Youtube*. O seriado *The L Word* é um seriado de televisão de drama americano-canadense que estreou no *Showtime Television Network*, a 18 de janeiro de 2004. Este seriado segue um elenco de amigas que vivem em West Hollywood, Califórnia e apresenta o primeiro elenco da televisão americana, representando homossexuais, bissexuais e uma pessoa trans-. A premissa teve origem no trio Ilene Chaiken, Michele Abbot e Kathy Greenberg. Chaiken é creditada como a criadora principal da série e também como produtora executiva. No que respeita à música, o tema principal foi criado e tocado pela banda *Betty*. Em dezembro de 2019, estreou-se uma nova sequência da série, *The L Word: Generation Q*.

Curiosidades sobre o seriado

O alter-ego fictício usado por Jenny na sua escrita ao longo da primeira série, Sarah Schuster, e a história que à volta dela escreve, *Thus Spoke Sarah Schuster* [Assim Falou Sarah Schuster – tradução livre], são claras referências à obra do filósofo Nietzsche, *Assim Falou Zarathustra* (conhecido em inglês como *Thus Spoke Zarathustra*). É possível que o nome de Kit Porter, antes uma cantora, seja uma fusão intencional dos de Eartha Kitt e Cole Porter, ambos conhecidos artistas musicais americanos.

O segundo ano de *The L Word* rendeu a única indicação ao Emmy Awards da história do seriado. Foi a de melhor ator convidado em série dramática para Ossie Davis, que faleceu dia 4 de fevereiro de 2005, antes mesmo de os episódios que gravou para a segunda temporada como o pai das personagens Bette e Kit Porter terem ido para o ar.

A quinta temporada do seriado estreou dia 30 de dezembro de 2007, exclusivamente no site voltado para a comunidade lésbica, *OurChart.com* cuja co-fundadora e presidente é Ilene Chaiken, também criadora e produtora de *The L Word*. Apenas dia 6 de janeiro de 2008 a temporada começou a ser exibida no *Showtime Television Network*, canal que transmite a série nos Estados Unidos.

A atriz Jennifer Beals estava grávida durante as filmagens da terceira temporada. Como sua gravidez não foi incorporada na história da série, a sua personagem, Bette, teve uma queda significativa no número de aparições e passou a vestir roupas mais largas.

Jennifer Schecter pode ter sido a personagem que mais mudou a sua personalidade durante a série: de menina tímida e desorientada para uma mulher narcisista e determinada. Porém, muito(a)s fãs do seriado não aprovaram a nova Jenny; até mesmo a

dona do *site* de fãs de Mia Kirshner (personagem Tonya) se recusa a fazer qualquer referência à personagem depois da terceira temporada.

Originalmente, *The L Word* seria baseado numa lésbica chamada Kit Porter e, *O Quadro*, estaria tatuado em suas costas. Quando a personagem Kit foi modificada e passou a ser heterossexual, ficou estabelecido que, *O Quadro*, seria de Alice.

Conclusão

Embora o seriado *The L Word* tenha uma proposta de ser um seriado de lésbicas para lésbicas, o mesmo ultrapassa esta fronteira, porque o gênero da maioria dos e das personagens é flutuante. Seria um seriado mais da diversidade do que do lesbianismo. Neste seriado, as mulheres que se relacionam com outras mulheres não estão presas a guetos, uma boa parte delas não é exclusivamente lésbica, têm preferências por mulheres, mas não são sectárias.

A maioria das personagens também se reveza tanto no papel ativo quanto passivo nas relações sexuais com suas parceiras ou parceiros. Porque é que o seriado *The L Word* foi um sucesso e ainda o é? Porque não fala de lésbicas frustradas ou preocupadas com a sua opção, mas retrata mulheres bem-sucedidas em vários campos profissionais e na vida pessoal. Não se trata da “lésbica coitadinha” que foi expulsa de casa ou sofreu preconceitos de natureza variada, mas da lésbica que se impõe, que tem força e determinação e não se deixa anular por uma sociedade machista.

The L Word teve uma boa resposta do público, grande repercussão e audiência porque não fala nem mostra lésbicas estereotipadas, que fazem gestos obscenos, mas da lésbica elegante, refinada, perfumada, charmosa e inteligente. Isto não significa que todas as lésbicas do seriado sejam femininas ou que tenham mais características femininas do que masculinas. A personagem da Shane é a mais masculina, mas o diferencial é que todas as personagens têm muito estilo, um estilo moderno, contemporâneo. Vestem-se bem, têm boa aparência e, cada uma, com as suas características, é pacífica, no sentido de não romperem com o cordão umbilical feminino, mesmo com comportamentos e formas de dominação mais masculinas.

O seriado mostra que nós todos podemos ter um ponto fixo, tanto de gênero quanto de sexo, masculino ou feminino, mas que não nos impede de fazermos ocasionalmente variações. No seriado há lésbicas que só se relacionam com lésbicas, há bissexuais que transitam na via dupla, há heterossexuais que buscam novas experiências, se assim podemos dizer, quando uma mulher que só se relacionou ou se relaciona com homens quer experimentar uma noite de prazer com uma mulher e não repete habitualmente. Ou devemos, ao invés, classificá-las como heterossexuais e bissexuais de ocasião?

O The L Word, na nossa forma de ver, não é apenas um seriado de lésbicas para lésbicas, porque a maioria das personagens transitam entre os gêneros flutuantes, não conformistas e até trans-. Isto não significa que todas as personagens se fixaram nestes gêneros, sem o livre arbítrio da variação, da mudança, da metamorfose e do hibridismo. É um seriado do mundo moderno, onde todos estão abertos a várias possibilidades e evoluções dos diversos gêneros, onde os limites entre ser homem e mulher são ultrapassados.

O sucesso de *The L Word* deve-se a esta escolha por histórias que estão ambientadas ao mundo moderno, onde não há boatos restritos a homens ou a mulheres como na maioria dos guetos, onde não há banheiros femininos ou masculinos, mas unissexo. O segredo do sucesso do seriado é que é uma trama onde os gêneros estão em constante construção e não enraizados.

Seguindo o modelo norte americano de roteiro, *The L Word* não foge a um roteiro de filme em três atos: apresentação, desenvolvimento e conclusão e, entre eles, pontos de viragem, que é quando pensamos que a história vai para um lado e toma outro rumo ou que a personagem vai tomar ou ter uma atitude ou fazer uma ação e se move para o lado contrário ou oposto do esperado. O filme foge do paradigma da lésbica marginalizada, no armário, como no Brasil se fala sobre mulheres que sentem atração por mulheres, mas nunca o assumem publicamente com receio da opinião pública e dos estigmas sociais.

The L Word fala de mulheres que estão muito bem consigo próprias, sendo lésbicas e esta escolha de mostrar esta situação é o grande diferencial deste seriado. Além disto, as mulheres em *The L Word* mesmo sendo ou tendo atitudes masculinas, têm ternura dentro delas, perceptível pela troca de olhares entre as atrizes e pela suavidade com que o sexo entre elas é filmado.

Na nossa forma de olhar e analisar, *The L Word* não é um seriado com histórias de lésbicas para lésbicas, mas é um seriado escrito, realizado e pensado a partir e sob uma ótica feminina, que é diferente de ser um seriado lésbico ou para mulheres, em que o sexo entre as personagens é um sexo explícito, sem ser pornográfico, que excita a maioria dos homens; tão pouco é um sexo leviano, é um sexo de uma delicadeza profunda, de uma poesia filmada; não é o sexo em que vemos apenas os corpos devorando-se, mas é o sexo em que os corpos têm comunhão. Há uma beleza na troca de olhares, nos dedos deslizando nas partes íntimas, na busca do prazer conjunto, de forma muito delicada, sem colocar a penetração no centro das atenções. Em cada relação filmada percebemos que tem um olhar feminino que a projetou, porque todas são “embriagadas” de paixão e não apenas de atração. Na verdade, as cenas de sexo no seriado *The L Word*, não são apenas cenas de sexo, mas de amor, independente do gênero das personagens, todas as cenas de amor entre eles e/ou elas, são arquitetadas dentro de um universo feminino. É importante fazer esta observação porque *The L Word* é escrito por mulheres para mulheres e não de lésbicas para lésbicas porque, nos momentos íntimos, as mulheres, mesmo não sendo lésbicas, têm geralmente fantasias e expectativas diferentes das dos homens. As mulheres, em geral, querem ser acariciadas, levadas e conduzidas ao prazer e não apenas consumidas. *The L Word* mostra o sexo sobre a ótica e a intensidade feminina, onde não apenas os corpos se despem, mas a figura feminina, que “habita” em vários seres de gêneros diferentes fica exposta. Mesmo as personagens mais masculinas do seriado fazem amor de mulher para mulher.

Falar de gênero é sempre muito complicado e sedutor ao mesmo tempo, porque dentro de nós “habitam” vários seres, como os heterónimos do poeta Fernando Pessoa, podemos ter várias identidades e dialogar com elas todas diariamente. Sair com elas dias sim, e outros não, ou dias sim, e outros também. Na verdade, os gêneros são os heterónimos que escolhemos para nós, mesmo não cabendo todos na certidão de nascimento.

Terminamos este artigo com algumas perguntas e provocações *sui generis*: É possível neste mundo contemporâneo em que vivemos o gênero ser estável ou possível de classificação? Ou todos os gêneros e coisas neste mundo moderno são líquidos, como o sociólogo Zygmund Bauman afirma: « *Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar* » (Bauman, 2001: 21). Os vários gêneros podem coabitar na personalidade de cada um(a) de nós, sem nos divorciarmos daquilo que temos preferência? Afinal, quantos homens e mulheres nos ocupam? Todas estas perguntas finais se constituem como uma provocação para que o(s) leitor(e)s possam refletir e responder.

Referências bibliográficas

- Alecrim, E. (2020, abril 30). Apps do Facebook chegam a 3 bilhões de usuários ativos pela 1ª vez. In *Tecnoblog*. São Paulo. Disponível em <https://tecnoblog.net/336391/facebook-alcanca-3-bilhoes-usuarios-ativos-primeira-vez>. [26 de junho de 2021]
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Butler, J. (2017). *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Lisboa: Orfeu Negro
- Butler, J. (2013). *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Caparica, M. (2014, fevereiro 21). Entenda as 56 opções de gênero do Facebook. In *Ladobi. Cultura e cidadania LGBT na real e com local*. São Paulo. Disponível em <http://ladobi.com.br/2014/02/56-opcoes-genero-facebook/> [30 de junho de 2021].
- De Beauvoir, S. (1980) [1949]. *O Segundo Sexo: A Experiência Vivida*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.
- De Beauvoir, S. (2008a) [1949]. *O Segundo Sexo [1]*. Lisboa: Bertrand.
- De Beauvoir, S. (2008b) [1949]. *O Segundo Sexo [2]*. Lisboa: Bertrand.
- Gedas Portal. Disponível em <https://gedasportal.blogspot.com/2017/08/genero-terminologia-popular-glossario.html> [01.06.2021]
- I Ching. In *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/I_Ching [02.07.2021]
- Jennifer Beals - MSNBC (2006, outubro 24). (Ficheiro de vídeo). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mImvj34qaZE> [02.07.2021]
- Leal, M.F. (2013). Quem não se torna sujeito, sujeita-se. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis. Disponível em http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373335138_ARQUIVO_Quemnaosetornasujeito,sujeita-se.pdf [08.06.2021]
- Lista_dos_personagens_de_The_L_Word. In *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_dos_personagens_de_The_L_Word [5 de junho de 2021].
- Macedo, A.G. & Amaral, A.L. (org.). (2020). *Dicionário da Crítica Feminista*. Porto: Edições. Afrontamento.
- Millet, K. (2000). *Sita*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press.
- Noronha, H. (2019, junho 11). Por que transar com duas mulheres é a fantasia mais comum entre os homens? In *Universa*. São Paulo. Disponível em <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/06/11/por-que-transar-com-duas-mulheres-e-a-fantasia-mais-comum-entre-os-homens.htm> [18 de maio de 2021].
- Percília, E. (sd). Yin e Yang. In *Brasil Escola*. Brasília. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/yin-yang.htm> [31 de maio de 2021].
- Prado, A. (sd). Sociólogo polonês cria tese para justificar atual paranoia contra a violência e a instabilidade dos relacionamentos amorosos. In *Isto é*. Disponível em https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+/ [20.06.2021]
- RádioCom (sd). Nos 111 anos de Simone de Beauvoir 5 reflexões para entender o seu pensamento. Disponível em <http://www.radiocom.org.br/?p=3299> [02.07.2021]
- Simone de Beauvoir Fala (2016, abril 10) [1959]. (Ficheiro de vídeo). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=BRoW0c__tw4 [08.06.2021]

Sartre, J.P. (2010). *O existencialismo é um humanismo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
The L Word. In *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível em
https://pt.wikipedia.org/wiki/The_L_Word [8 de junho de 2021].